

MADEIRA-MAMORÉ: UM PROJETO DE HISTÓRIA ORAL

FABÍOLA LINS CALDAS*

A bibliografia sobre a Estrada de Ferro Madeira-Mamoré tem tratado do assunto do ponto de vista da historiografia, daqueles que teorizam sobre o objeto. Essa bibliografia tem passado ao largo de uma compreensão mais profunda, mais perspicaz e mais vivencial dessa realidade viva que foi a Ferrovia Madeira-Mamoré. Como é costume, parte-se de documentos escritos e de teorias sócio-econômicas, para criar o painel historiográfico, a essência subjetiva e particularizada desses documentos escritos, como se fosse a realidade, o concreto, bastando aos historiadores organizá-los e descrever o que neles contém.

Por um lado temos uma historiografia regional (Fabíola Lins Caldas:1996) que privilegia uma visão provinciana, a partir de uma documentação escrita que, por não entrar num sistema crítico radical, deixa escapar toda e qualquer “espessura viva do presente” (Alberto Lins Caldas:1996), ficando sempre sem compreender seu “objeto de estudo”, reforçando aquela mesma visão provinciana que a fundamentou. Desse grupo fazem parte os “historiadores” e memorialistas locais que com toda boa intenção e, as vezes, para se auto-promoverem, fazem a história do lugar como se fosse as suas histórias de família e de amigos. E esquecem dar voz e ouvidos àqueles que viveram a EFMM e todas as implicações pessoais e sociais, que trouxe com ela.

Por outro lado temos uma historiografia acadêmica, que trata os “homens envolvidos” como “os vencidos”. Sua visão teórica esmaga o vivencial em detrimento de teorias e mentalidades que jamais fizeram parte da vida e da consciência dos que experienciaram “o período”, perdem tanto quanto os historiadores regionais todo o sentido e significado, criando objetos de louça. A objetificação geral da sua visão se volta contra eles deixando-nos com uma “narrativa concreta”, uma visão idílica e fantasiosa, que é pura subjetividade vazia.

O presente enquanto “espessura viva” que cogula os tradicionais presente-passado (Alberto Lins Caldas:1996), é, em todos os aspectos, homens vivos, espessura de exterioridade e interioridade: é ai onde está tudo: é daí que virá a História, portanto, os “documentos escritos” sobre a ferrovia Madeira-Mamoré, são apenas um dos aspectos subjetivos e já selecionadas (porque todo documento escrito já faz parte de uma seleção que os fez serem guardados e mantidos, fora sua inescapável subjetividade, tão subjetividade quanto qualquer documento oral). E a bibliografia acadêmica apenas um parâmetro teórico, normalmente irrelevante. Irrelevante porque cria um mundo que nada tem há ver com todo aquele que vivenciou e ainda vivência a realidade Madeira-Mamoré. Aos poucos estão aparecendo estudos que tentam fugir dessas duas concepções de história, em busca de uma maior aproximação com o vivido.

Pretendemos, com esse Projeto de História Oral, “criar e recriar” aqueles que viveram a Madeira-Mamoré. Quando nos referimos a “História Oral”, não falamos da “tradicional”, que busca **depoimentos**, que são objetificações da voz do outro, “grades” produzidas pelo próprio pesquisador sem querer e sem saber; não vamos **reconstruir a memória**, que é algo vivo, móvel, criativo e destrutivo, jamais uma “narrativa do passado”, mas um prisma magmático; não queremos **ouvir os velhos**: nosso **sujeito de pesquisa é a comunidade** que viveu a ferrovia. A nossa meta é compreender, explicar, tomar consciência e voltar essa consciência à comunidade, o que foi o diabo da Ferrovia.

Através de gravações e filmagens, levar a entrevista ao encontro de um diálogo frutífero, que consiga apreender o diálogo entre o sujeito, sua vida e o mundo. Com esse diálogo pretende-se interpretar a “espessura viva” que é hoje o presente dos que viveram a ferrovia. Essas entrevistas, serão transcritas, entrando posteriormente num processo de textualização e transcrição (Meihy:1991). O texto final desta primeira transcrição voltará ao entrevistado (colaborador) para que ele faça as modificações necessárias. Essas modificações, ou novas e corretivas entrevistas em busca de um texto, entrarão num novo processo de transcrição, idas e vindas entre o oralista e o entrevistado em busca de um texto que seja uma “boa visão” da experiência de vida daquele que viveu, no caso, a Ferrovia Madeira-Mamoré.

O documento será uma criação dialógica entre o oralista e o colaborador. Não havendo posteriormente uma objetificação de pedaços da entrevista, mas será uma “voz inteira” que teremos para ouvir em forma de um “texto corrido”. Já que no processo de transcrição as perguntas do entrevistado serão incluídas no texto formando um plasma vivo textual, caberá ao oralista, a partir do texto final, criar a sua interpretação complementar sem interferir na integralidade da “voz do outro”, buscando, assim, criar uma compreensão mais viva, dinâmica e coletiva daquilo que seja o presente.

BIBLIOGRAFIA

- ADLESON, S. Lief; CAMARENA, Mario; IPARRAGUIRRE, Hilda. **HISTORIA SOCIAL Y TESTIMONIOS ORALES**. in Revista CUICUILCO, p. 68-74, México, 1990.
- BOSI, Ecléa. **MEMÓRIA E SOCIEDADE: LEMBRANÇAS DE VELHOS**. Companhia das Letras, São Paulo, 1994.
- CALDAS, Alberto Lins. HERMENÊUTICA DO PRESENTE. **Caderno de Criação**, nº 11, Ano III, Porto Velho, 1996.
- CALDAS, Fabíola Lins. HISTÓRIA REGIONAL E IDEOLOGIA. **Presença**, nº 07, pp. 22/23, UFRO, Porto Velho, 1996.
- CRAIG, Neville B. **ESTRADA DE FERRO MADEIRA-MAMORÉ: HISTÓRIA TRÁGICA DE UMA ESPEDIÇÃO**. Companhia Editora Nacional, São Paulo, 1947.
- FERREIRA, Manuel Rodrigues. **A FERROVIA DO DIABO**. Melhoramentos, São Paulo, 1987.
- FERREIRA, Marieta de Moraes **A HISTÓRIA ORAL: QUESTÕES METODOLÓGICAS**. Anais do Encontro de História e Documentação Oral, 21-25, UnB, Brasília, 1993.
- GONÇALVES, José Henrique Rollo. **TRABALHANDO COM FONTES ORAIS**. Cadernos de Metep, DFE/CCH/UEM, Ano4, N° 3:1-33, 1991.
- HALBWACHS, Maurice. **A MEMÓRIA COLETIVA**. Vértice, São Paulo, 1990.
- HUGO, Vitor. **CINQUENTA ANOS DO TERRITÓRIO FEDERAL DO GUAPORÉ: 1943-1993**. Ser, Brasília, 1995.
- MEIHY, José Carlos Sebe Bom. **CANTO DE MORTE KAIOWÁ: HISTÓRIA ORAL DE VIDA**. Loyola, São Paulo, 1991.
- _____. **MANUAL DE HISTÓRIA ORAL**. Loyola, São Paulo, 1996a.
- PINTO, Emanuel Pontes. **RONDÔNIA, EVOLUÇÃO HISTÓRICA**. Expressão e Cultura, Rio de Janeiro, 1993.
- POIRIER, Jean; CLAPIER-VALLADON, Simone; RAYBAUT, Paul. **HISTÓRIAS DE VIDA: TEORIA E PRÁTICA**. Celta Editora, Oeiras, 1995.
- SILVA, Amizael Gomes da. **NO RASTRO DOS PIONEIROS**. SEDUC, Porto Velho, 1984.
- _____. **AMAZÔNIA: PORTO VELHO**. Palmares, Porto Velho, 1991.
- SITTON, Thad (et al). **HISTÓRIA ORAL**. Fondo de Cultura Económica, México, 1993.
- SOUZA, Márcio. **BREVE HISTÓRIA DA AMAZÔNIA**. Editora Marco Zero, São Paulo, 1994.
- THOMPSON, Paul. **A VOZ DO PASSADO: HISTÓRIA ORAL**. Paz e Terra, Rio de Janeiro, 1992.
- WOLDENBERG, José. **LAS AUSENCIAS PRESENTES**. Cal y Arena, Mexico, 1992.

* Profª. de História/pesquisadora do Centro do Imaginário Social